

Índice

Introdução	17
<i>1. Sociedade</i>	
Nós e os outros	29
O elevador social	31
A mobilidade social descendente	33
As criadas de servir	35
Ninguém tem vergonha?	37
O Estado-providência	39
Os ricos na ficção	42
Os <i>snoobs</i>	44
A arte de ser feliz	47
<i>2. País</i>	
A auto-estima dos portugueses	51
O Mundo	53
O outro lado da globalização	55
O país mais feio da Europa	57
Os costumes rurais	59
Os iconoclastas modernos	61
Uma tarde no Centro de Saúde	63
<i>3. Política</i>	
A direita não existe em Portugal	69
A esquerda	72

A minha Europa	76
A morte da política	81
Quantos liberais há no meu país?	84
Serei de esquerda ou de direita?	87
Que democracia é esta?	89
As leis eleitorais	91
Eu quero ter o meu deputado	94
Os partidos socialistas	96
As redes sociais e as <i>selfies</i>	98
Dantes, era bem pior	100
Férias da Pátria	102
Foi para isto?	104
O Estado Social	106
A televisão: de mal a pior	108
O testamento vital	111
Os direitos disparatados	113
Os meios e os fins	115
Os turistas em Lisboa	119
Um cacique é melhor do que um burocrata	121
Serão <i>Os Lusíadas</i> uma obra racista?	123
Uma proposta modesta	125
<i>4. Mulheres</i>	
A agenda escondida dos homens	131
A amizade	134
A violência doméstica	136
As mulheres portuguesas são parvas	138
As mulheres são capazes de tudo	141
Inquietações modernas	143
O machismo português	145
Óculos, mulheres e sexo	147
Ode à Pílula: quarenta anos depois	149
Ser mãe	153
<i>5. Vida Privada</i>	
As casas que habitei	157
Não há avós em Portugal?	159
O fim da inocência	161

Os meus amigos	165
Ser bombista	169
Um Natal sem o Menino	171
O que eu diria a Deus	174
<i>6. Ensaio</i>	
Deus, Pátria e Família	181
Epílogo	195

Sociedade

Nós e os outros

Quando os gregos antigos tiveram de enfrentar os persas, descreveram-nos como *barbaroi*, ou seja, como incapazes de se comportarem de acordo com as suas próprias leis. Não foram apenas eles a assim olhar os estrangeiros. O retrato estereotipado do «outro» tornou-se um passatempo vulgar, repetido pela escolástica medieval e adoptado depois pelos filósofos do Renascimento, obcecados como estavam com o apogeu e o declínio dos impérios. Após o Iluminismo do século XVIII, quando os *philosophes* passaram a defender a ideia de uma humanidade universal, a visão caiu em desuso, mas nunca desapareceu.

Como é evidente, sobre os portugueses também existem estereótipos. Há o retrato, que vem do Iluminismo, de uma terra povoada por homens atrasados, incultos e brutos; mais tarde, fruto da mentalidade romântica, o de um país habitado por seres pitorescos, excêntricos e anárquicos; e finalmente o de uma Arcádia que teria resistido às investidas do mundo moderno.

Em 1977, Castelo Branco Chaves, que estudou os relatos dos viajantes que vieram a Portugal no século XVIII, afirmou que, embora houvesse retratos positivos, a maioria caracterizava os portugueses como vaidosos e impostores; altivos e arrogantes; hipócritas; vingativos; ignorantes; velhacos; traiçoeiros; desonestos; pedinchões; inconstantes; supersticiosos; fanfarrões; sensuais; ciumentos e preguiçosos.

E como víamos os outros, em particular os negros? Basta olhar os dois quadros que retratam a Rua Nova dos Mercadores em Lisboa no século XVI para os ver por ali se passeando calmamente entre nobres e burgueses. Em 1551, alguém estimou que 10% dos 100 mil lisboetas eram de cor escura. Em 1578, a percentagem aumentara para 20% dos 250 mil habitantes.

Foi um período excepcional, mas existiu. A cidade onde eu nasci, Lisboa, convivia relativamente bem com os negros. Sim, a maioria era pobre, mas nós víamo-los na rua, sem que eu tivesse observado incidentes de racismo, situação que, reconheço, se alterou depois de 1974, quando muitos residentes das ex-colónias fugiram para Portugal. Infelizmente, não encontraram aqui emprego, tendo sido obrigados a viver em bairros que depressa se tornaram guetos. A pobreza foi sobretudo dramática na segunda geração: daí os ocasionais distúrbios. Não os estou a desculpar, mas a tentar compreender o que se tem passado.

Após o exaltado debate sobre o racismo — note-se que muitos jovens com ascendência africana são tão portugueses quanto eu — penso que é útil ouvir a voz de Pêro Vaz de Caminha aquando do «achamento» do Brasil. Eis como, em 1500, ele descreve o encontro entre os nativos e o primeiro branco: «Acudiram pela praia homens, quando dois, quando três, de maneira que, quando o batel chegou à boca do rio, estavam ali dezoito ou vinte homens pardos, todos nus, sem nenhuma coisa que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos e suas setas (...) e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pusessem os arcos. E eles os depuseram.»

E, 17.7.2019

O elevador social

Notícias recentes alertaram-nos para a circunstância de «o elevador social» não estar a funcionar em Portugal. Haverá provavelmente quem pense ter havido uma idade de ouro em que a mobilidade social ascendente teria existido. Não é o meu caso. Em Portugal, a ambição de subir na vida foi sempre considerada uma característica negativa. Eis o que Marcelo Caetano escreveu em 1928 no jornal *A Voz*: «A gestação de uma inteligência superior é trabalho de muitos anos, de séculos até hoje.» Isto manteve-se quase até hoje. Desde D. Afonso Henriques que a aspiração a uma melhor vida profissional nos é alheia. Basta atentar nos pais que tentam castrar os filhos que demonstrem apetência para se libertar do estreito horizonte das comunidades onde foram criados. Era difícil, mas penso que a Revolução de 1974 fez menos do que seria desejável.

Vem isto a propósito da publicação, em 2018, de um relatório da OCDE onde se revela serem precisas, em Portugal, cinco gerações para os filhos dos pobres poderem ascender a lugares de topo. Mais de metade (55%) das crianças que são filhas de trabalhadores manuais acabam por desempenhar elas próprias ocupações manuais (a média nos países da OCDE é de 37%). Por seu lado, os filhos de profissionais em posições de chefia têm cinco vezes mais hipóteses de ascender a uma posição semelhante do que os filhos dos trabalhadores manuais. Há, como é óbvio, paí-

ses mais rígidos do que Portugal (como a Hungria, onde são necessárias sete gerações) mas outros há onde a ascensão social é mais fácil (como a Dinamarca onde bastam duas gerações).

O que constituiu uma surpresa para alguns dos meus colegas não o foi para mim. No Verão de 1974, fiz uma reportagem intitulada «Nados e Criados Desiguais», exibida na RTP em Novembro desse ano. Escolhi cinco miúdos de 10 anos (vivendo em locais diferentes, do Alentejo interior à Lisboa central, passando por Camarate, Odivelas e Barreiro) e perguntei-lhes o que desejavam ser «quando fossem grandes». As respostas exibiram os estreitos horizontes das suas escolhas. A certa altura, a minha filha Sofia (Pinto Coelho), num programa da SIC intitulado «Vinte Anos Depois» (que ganharia um prémio internacional), decidi voltar a entrevistar estes rapazes para averiguar se tinham ou não subido na vida. Eu imaginara ser difícil encontrá-los, até porque apenas tinha o seu nome e não o apelido (Francisco, Luís Bernardo, Alexandre, Carlos e Ricardo), mas ela localizou-os rapidamente, o que me faz pensar ser aqui a mobilidade geográfica também reduzida. Em 2014, num programa intitulado «Cinco Destinos» (que ganhou um outro prémio internacional), ela voltaria a falar com eles. Excepto no caso do filho de um técnico da Lisnave, o Ricardo, agora a trabalhar na Bayer em Berlim, os outros mantinham-se em posições socialmente idênticas às dos pais. Há muito que suspeitava de que, em Portugal, o elevador social encalhara antes de ter nascido. Estas reportagens confirmam-no.

E, 16.7.2018